

## Alto Douro Vinhateiro



# Os cuidadores da paisagem que é “a beleza absoluta”

Candidatar o Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial “deu muita luta”. Foi preciso conhecer - e pensar - o território em todas as suas curvas, contracurvas, vales e contradições. Hoje há proveitos e há custos. E há ameaças no horizonte. “Se queremos ter uma região sustentável temos que ter pessoas. As pessoas têm que ter orgulho nisto, têm que ter orgulho na vinha.” *Luís Octávio Costa (texto) e Nelson Garrido (fotos)*



● “O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza. Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta.”

São Leonardo de Galafura. Estacionámos na “espinha dorsal de um dinossauro” e aproximando-nos da arriba mais próxima. O Douro envolve-nos, rodeia-nos. Inspirámos enquanto tentamos imaginar tudo o que a paisagem representa. Jorge Dias, o nosso guia por um dia, cheio de vales encaixados, de montanhas que protegem o Douro, de subidas e de descidas, de terraços, patamares e mortórios, de vinhas, de casinhas, de quintas e de casais, já está virado para as linhas de Miguel Torga (in *Diário XII*) pintadas no azulejo, cravado na rocha. Lê-as em voz alta. Declama-as como se fossem dele, como se as soubesse de cor, como se conhecesse o Douro de cor.

No carro, para lá e para cá, ao ritmo das curvas e contracurvas da estrada, anda desde manhã cedo uma cópia da candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial e uma carta topográfica cujo tamanho limita a condução – e que nos faz recuar mais de vinte anos.

Era Fernando Bianchi de Aguiar presidente do Instituto de Vinho do Porto e Jorge Dias responsável dos serviços do Instituto de Vinho do Porto da Régua. Portugal estava na CEE, uma alavanca. O projecto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes e Alto Douro (de 1988) era uma realidade e entravam em acção os primeiros esforços de reestruturação e mecanização dos trabalhos da vinha da região. Tinha sido lançada a Fundação Rei Afonso Henriques, instituição transnacional luso-castelhana que elegera como missão associar a todo o Vale do Douro uma ideia de qualidade, de cultura e de progresso. “Temos que agitar o Douro”, recorda Jorge Dias, hoje director-geral do grupo Gran Cruz. “Sempre se falou das potencialidades do Douro, mas a energia potencial é a energia que uma bala tem quando está imóvel. Se a energia potencial não se transformar em movimento, em trabalho, em energia cinética, nada acontece. Como é que transformamos essa energia?”

Foi neste contexto que se decidiu avançar com a inscrição do Alto Dou-

ro Vinhateiro a Património Mundial, cujo acesso, recorda, “não estava tão democratizado como agora”. Era preciso fazer um trabalho sério de justificação. Foi preciso estudar a viabilidade do Douro da nascente à foz, sectioná-lo em zonas homogéneas do ponto de vista histórico e fisiográfico e avaliar cada uma destas zonas ao nível de potencialidades perante a candidatura ao estatuto de protecção da UNESCO.

“Deu muita luta”, diz Jorge Dias, que nessa altura já tinha aberto em Vila Real a Spidouro (Sociedade de Promoção de Empresas e Investimento do Douro e Trás-Os-Montes). De acordo com os critérios da UNESCO, era o Alto Douro Vinhateiro a mancha que reunia melhores condições para se poder apresentar uma candidatura ganhadora. “Num ano construímos o dossier, encontrámos as justificações e delimitámos a mancha”. O Douro tem 250 mil hectares. Reduziu-se a cerca de um décimo. “É impossível delimitar os 250 mil hectares. Foi preciso encontrar um contínuo que fosse representativo, que demonstrasse bem o valor universal e excepcional desta paisagem.” Etapa seguinte? Fazer um dossier com uma equipa multidisciplinar, 36 pessoas coordenadas por Fernando Bianchi de Aguiar entre historiadores, geólogos, geógrafos, agrónomos, enólogos, arquitectos, arquitectos paisagistas...

### Ganhar as populações

Trilharam o Alto Douro Vinhateiro. “Meia dúzia de carros”, lembra Jorge, coordenador adjunto da candidatura, à medida que vamos repetindo uma parte dessa exploração ao longo da “minhoca”, a mancha de 24,600 hectares que está dentro dos limites da Região Demarcada do Douro. Serviram-se das linhas de água, dos caminhos, das estradas e das linhas de feito. Puxaram daqui. Esticaram para ali. Avaliaram o estado de conservação. Saltaram muros. Fizeram o levantamento das dissonâncias, das casas dos emigrantes, das lixeiras nas curvas das estradas. “Porque há coisas más. Há coisas muito más no Douro, coisas muito mal preservadas”, justifica. “A Régua entra ou não?” Está fora. “E o Pinhão?” Fica – e apesar de alguns atentados e do abarracado das construções modestas com que nos vamos cruzando. “Nessas aldeias vivem os descendentes dos homens e das mulheres, dos autores anónimos desta paisagem construída ao longo de séculos. Esta candidatura também tinha que ter a virtualidade de ganhar as populações. No Douro sempre se viveu muito mal. Nos escritos de Pina de Moraes, anos 30 e 40, os que não iam trabalhar não tinham pão, não tinham dinheiro para a sardinha de barrica. No Douro, não existe a leira, as pessoas não têm um →

## Alto Douro Vinhateiro



palmo de terra. A vida no Douro não foi simples. Se queremos ter uma região sustentável temos que ter pessoas. As pessoas têm que ter orgulho nisto, têm que ter orgulho na vinha. É preciso que o trabalho seja suficientemente remunerado.”

A vida no Douro ainda não é simples. As povoações esticam-se ao longo das estradas estreitas. À nossa frente, o xisto vai substituindo o granito. Aparecem vinhas à medida que descemos. As micro-parcelas, as casinhas, as formas dos muros que protegem os citrinos, as figueiras e as hortas nos vales encaixados nos vales. Parámos em Carrazedo, Vale do Corgo, margem direita do Douro. O rio teve durante o seu trajeto entre Vila Real e a Régua a companhia da Linha do Corgo, um caminho-de-ferro de via estreita com automotoras que não ultrapassavam os 30 km hora. A estação de Carrazedo está destruída. Nem vestígios da linha. Os carris arrancados pela raiz. “Ainda fiz esta viagem a vapor”, recorda Jorge Dias, imóvel a ouvir o barulho das cigarras, “o som do calor”. “É nestes dias que se deve visitar o Douro. Este som é um dos imateriais da paisagem”.

Justificou-se a inscrição pelo valor excepcional e universal do Alto Douro Vinhateiro, uma mancha “sabiamente construída pelo homem e natureza”, uma paisagem cultural “evolutiva e viva” construída ao longo de séculos e gerações de povos de muitas culturas “em condições muito difíceis e com um esforço por vezes sobre-humano”. Na análise comparativa com outras paisagens vitícolas europeias já classificadas (Cinque Terre, Saint-Émilion, Wachau, Pico, Champagne...) o Douro não ficava atrás. O ADV apresentava-se como “monumento nacional”, recorda António Marquez Filipe, presidente da Liga dos Amigos do Douro Património Mundial. “É um equilíbrio quase impossível de atin-

gir”, tenta descrever. “Temos a ideia de um monumento nacional como um muro com um fio à volta para as pessoas não tocarem. Esse é o estatuto que o Alto Douro Vinhateiro tem. Mas ele é o que é por ser o resultado de uma realidade de vida evolutiva. Como é que se consegue conciliar estas duas condições diametralmente opostas?” É “uma obra de arte colectiva de autor anónimo”, junta Jorge Dias, referindo-se ao carácter distintivo do padrão da paisagem, “um complexo mosaico de culturas mediterrânicas”, de “matos, quintas e casais que modelaram irremediavelmente a paisagem”.

Pai Corrão, Alvações do Corgo, Covelinhas, barragem de Bagaúste, os abrigos nas encostas, as oliveiras em núcleos vernaculares, a ponte férrea pintada de azul sobre o betão da A25, o betão que “não chateia” sobre a mais antiga região vitícola demarcada e regulamentada do mundo (as primeiras demarcações ocorreram entre 1757 e 1761, na sequência da legislação regulamentada produzida pelo Estado desde 1756).

“A rudeza...”, suspira Jorge Dias. “Nada se compara a isto”. Bateiras, Casais do Douro, o caudal irregular de um rio difícil de navegar, o cruzamento de culturas à vista desarmada, uma certa vulnerabilidade que ainda hoje se sente. A candidatura apresentou vestígios da longa ocupação desde tempos milenares (Vale do Côa também faz parte desta mesma história) como que um “corredor de povos e de culturas” que aqui se cruzaram e misturaram durante milénios em vagas sucessivas e promiscuas, continuamente sobrepostas como os terraços e os patamares de vinha. A reconquista cristã e as origens da nacionalidade, a fixação de comunidades religiosas – com particular destaque para a Ordem de Cister, que fundou muitas das mais



**Na última foto em cima, Jorge Dias, um dos responsáveis pela candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial. Na foto recortada, António Marquez Filipe, director executivo da Symington**

notáveis quintas do Douro, entre as quais a Quinta de Ventozelo (por volta de 1580), recuperada pelo grupo Gran Cruz.

A paisagem desenha-se com vales encaixados e planaltos acima dos 400 metros, declives superiores a 15 graus em ambas as margens do rio, solos fabricados pelo homem, xisto partido em pedacinhos em zonas

onde a água escasseia e a precipitação é reduzida. Nove meses de Inverno, três meses de inferno. E uma sucessão de muros, construídos com mestria e que nos fazem reflectir sobre o trabalho árduo que lhe esteve subjacente. “O efémero da paisagem”, acrescenta Jorge Dias. “A luz e cor, o som, o silêncio e os cheiros”.

Mas há “sinais preocupantes”, ano-



ver uma economia do vinho saudável, não vai haver património mundial”. “Da forma como vamos lidar com elas, depende o estatuto. Manter esse equilíbrio não é impossível”, afirma.

O estatuto conquistado “tem sido virtuoso” para a Região Demarcada, nomeadamente pelas facilidades no acesso a financiamento por parte tanto de investidores novos como dos mais veteranos. “Algo que é Património Mundial da Unesco é mais credível”, sublinha o director executivo da Symington. Ser Património Mundial “traduz-se numa vantagem económica”. Mas isso traz só proveitos? “Não, acarreta custos também. Basta perguntar aos autarcas da região que vêm limitado o poder de intervir sobre o território e às vezes com razão.”

Se não houver uma economia da vinha e do vinho saudável, não há turismo. “Ninguém quer visitar vinhas abandonadas ou coisas desarranjadas. Vão os primeiros, os tolos, os menos informados. A primeira camada tem que funcionar para que tudo o resto resulte”, sublinha, consciente de que vai continuar a existir um turismo específico para a vinha, uma procura temática para este tipo de oferta.

### E Champanhe?

Porém, há “cada vez menos gente” no Douro. O índice de envelhecimento da população é aqui 50 por cento maior do que o da população portuguesa, já de si alto. “É um desafio.” É mais um desafio. “A Região Demarcada do Douro facturou 560 milhões de euros em 2019. No mesmo período, Champanhe, que tem menos 25 por cento de área, facturou 4900 milhões de euros. Oito vezes mais. Imagine o que isto traria para o Douro: pessoas com vontade de ficar, pessoas a viver com qualidade de

“Se as alterações climáticas, que já se sentem na região, se concretizarem, podemos ter uma situação muito séria do ponto de vista da viabilidade da vinha”

vida, a querer ter filhos. O Douro tem este desafio, de fazer crescer o todo, de dizer ‘ok, como é que todos podemos fazer crescer este bolo na sua dimensão de vendas de vinho, no enoturismo, na articulação de políticas públicas com a iniciativa privada no sentido de criar condições para o empreendedorismo?”

Documentados existem cinco mil quilómetros de muros na região demarcada do Douro. Parecem muitos, mas são muito poucos relativamente aos não documentados. Basta pensar nos mortórios todos. “São 3,5 pirâmides no planalto de Gizé. Nós temos três pirâmides e meia feita por portugueses, por galegos... temos que saber aproveitar. E há gente que quer aproveitar isso.”

O Douro terá que “passar da lógica das autarquias” e da “visão paroquial” para uma “visão supra-municipal”. A Comunidade Intermunicipal do Douro, em particular, deverá ter um papel muito mais forte e interventivo na definição, intervenção e operação de decisões. “Outros fizeram-no (Piemonte, em Itália, há 30 anos estava onde nós estamos hoje). Não há uma vacina única. A estratégia terá que ser multi terapêutica. E com paciência. É possível dar esta volta. É

possível chegar ao ponto a que chegou Piemonte, onde um quilo de uvas barbaresco é vendido a quatro euros, contrariamente às nossas uvas que, na melhor das hipóteses, são vendidas a 1,10 euros/quilo. Um hectare de vinha lá vale um milhão de euros. Enquanto no nosso caso, na melhor das hipóteses, vale 90 mil euros.”

Fala-se de um desafio de “muito, muito longo prazo”, de “inicia-

tivas para produzir efeitos a 20 anos” que vão do macro ao micro. Sinalética, requalificação, ter “coragem para desmontar”, para “destruir o que está mal” e “refazer”. Reavaliar a tipologia de construção muito pouco qualificada, olhar para o Pinhão, o coração desta paisagem seleccionada. E “premiar boas práticas construtivas”.

Descemos a Ervedosa do Douro, espreitámos a capela da Senhora do Vencimento, atravessámos para Soutelo do Douro, daí para Nagozelo do Douro (capela de Santo António) e para outros pontos altos, de onde temos a noção da dimensão deste “monumento”. Miradouro de São Salvador do Mundo, Olas, Custóias, Teja... “Não é fácil. A demografia não ajuda. As condições de partida na economia não ajudam, mas tudo é possível”, assume António Marquez Filipe, um “optimista”. “Há muitas formas de usar o Douro para chegar ao coração e à cabeça das pessoas. Vejo aí uma grande oportunidade.”

O Douro já teve outros reptos. As suas gentes sobreviveram-lhes. Listou-os António Barreto (*Douro*, 1993). “Galgaram montes, quebraram rocha, fizeram a terra, levantaram muros, seleccionaram castas, plantaram videiras. Sofreram o oídio, a filoxera, o mildio e a maromba, recomeceram tudo várias vezes (...) Trataram das vides melhor do que das próprias vidas. Trataram das videiras como trataram os filhos, as adegas como se fossem as suas casas (...) Levaram as uvas às costas, em cestos de quatro ou cinco arrobas, em sítios aonde não vão os carros de bois, onde se desce para o precipício e se sobe para o inferno (...) Foi este o Home do Douro. Foram os que morreram debaixo das rochas e de rodas, afogados no rio, abafados em toneis, a tremer de febres e de paludismo, foram eles que acabaram o que a natureza apenas tinha começado”.



ta António Marquez Filipe, duas grandes “ameaças” ao Douro Património Mundial, uma intimamente ligada às alterações climáticas (“se as alterações climáticas, que já se sentem na região, se concretizarem, podemos ter uma situação muito séria do ponto de vista da viabilidade da vinha”), a outra que se prende com a economia da vinha e do vinho (“se não hou-